

Para Lá do Binarismo

A mesa que contou com a participação da PhD em sexualidade Carol Queen, a cantorx e atrxz Daniela Sea, a doutorandx em psicologia Éris Alice Grimm (também pesquisadorx do Núcleo Margens em modos de vida, Família e Relações de Gênero), a ativista queer Miss Ian Librarian, que atua pela equidade de gênero e sexualidade e como conselheira psicológica para adultos. A mediação foi da pesquisadora em identidades de gênero viviane v., explorou as identidades não binárias de gênero e suas pluralidades. Gênero queer, gênero fluído e gênero neutro, foram alguns dos conceitos e vivências enfocadas durante a conversa.

Os pontos centrais da fala da Dra. Carol disseram respeito a como as perspectivas não binárias se desenvolvem dentro da sexualidade – em termos da resistência à generalização dos gêneros. A PhD contou como a ideia de gênero binário é usada como uma forma de opressão das diferentes formas de viver. Dessa forma, trata-se de uma forma de resistir diante dessa imposição binária. Terminando sua fala tratando da complexidade de como tudo é tão misturado quando se fala de gênero, e como as perspectivas não binárias de gênero impactam o modo como vemos a sexualidade. “A ideia de que gênero binário faz as pessoas entrarem em duas caixinhas, segundo a qual o gênero é pensando como uma categoria social, além das características físicas, tem uma biologia por trás”, afirmou. “Algo que muitas vezes nos Estados Unidos é chamado de sexo. Os papéis sociais é que são chamados de gênero. Se alguém só pode caber em duas caixinhas, é totalmente ignorado o fato de que existem mais de dois sexos quando falamos em cromossomos. Há pelo menos cinco. Há as pessoas intersex, que não nascem com um sexo ou outro, e a identidade de gênero aí pode ser qualquer uma”. Carol finalizou revelando como, nos Estados Unidos, tem crescido o discurso de que a ideia de gênero, em si, é opressiva. “Gênero não deveria ser uma forma dos seres humanos organizarem suas vidas sexuais e sociais. É o que o feminismo nos mostra quando vemos o quanto os papéis de gênero, especialmente quando se tornam estereótipos, quando são binários, oprimem as mulheres – e claro isso vale também para os homens”.

Daniela Sea trouxe a perspectiva da construção pessoal de suas identidades quando disse, por exemplo, como nós nos identificamos quando olhamos para fora, com todas as dificuldades que dizem respeito a autoexpressão, no que diz respeito a se expressar na perspectiva da comunidade queer. A atriz e cantora falou dos desafios com os quais ela se identifica ao estar de fora de binarismo – desde sua infância, passando por outros momentos de sua vida, pelas diferentes comunidades com as quais conviveu, até os dias de hoje. E terminou dizendo como é importante poder levar força para outras pessoas, incorporando realidades distintas.

A fala de Éris Alice teve um tom mais contestador, explicando como o desafio do não binarismo implica em “sentir que você não tem um lugar”. “Nós vivemos numa sociedade cujos ‘discursos oficiais’ – da religião, da ciência, das leis, da psicologia, da sociologia – são todos centrados no binarismo. Mulher e homem. As pessoas têm que ser homens ou mulheres – e isso é visto como algo

normal. É algo que vem da materialidade dos nossos corpos”. Para x pesquisadxr, é quando começamos a perceber que não nos encaixamos nesses dois modelos, que tem início um processo de desadequação dentro das próprias comunidades LGBTs. “Por conta do modo como a identidade sexual foi construída – gay, hétero –, ss discursos têm sido muito centrados no fato de que as pessoas se identificam em um gênero apenas, o masculino ou o feminino”. Com isso, no entanto, Éris fez questão de esclarecer que não falava em privilégios das pessoas trans com relação às pessoas não binárias. “Até porque eu penso que todas as pessoas trans também são colocadas numa caixa binária. Uma travesti não é necessariamente uma pessoa trans, por exemplo. Nós precisamos também questionar as ferramentas. Eu tenho doutorado em psicologia e tenho acesso a um tipo de discurso, ou seja, quando eu digo que sou uma pessoa não binária, as pessoas me ouvem. Esse mesmo acesso à narrativa não se dá entre as pessoas da periferia, por exemplo”,

Miss Ian fugiu de conceituações e focou-se na própria experiência – o que, tendo em vista o tema, é algo tão valioso e criador de conhecimento quanto qualquer tese acadêmica. “Quando você cresce numa cidade pequena e muito conservadora, como foi o meu caso, você passa a se sentir estranho cotidianamente, e acha que essa é a sua identidade: estranho”, começou. “Foi já com vinte e poucos anos, uma época da minha vida em que eu não tinha onde morar e dormia nos sofás das pessoas, que eu peguei um livro – o PoMoSexuais, da Carol, que eu não sabia quem era –, li inteiro e disse: ‘Isso faz sentido’”.

A experiência do não binarismo, no caso de Miss Ian e segundo ela própria, é algo que se espalha por todo o seu ser – do seu estilo ao se vestir me vestir à maquiagem que ela diz poder usar ou não, justamente para mostrar que não se pode esperar algo de alguém unicamente por conta de sua autodeclaração. “Embora eu já tenha flutuado por vários grupos – trans, queer –, às vezes você acha espaço, às vezes não”, contou. “O que eu acabei percebendo – e estou curioso para saber se isso existe aqui também – é que certos movimentos podem ser muito impessoais. Com isso eu quero dizer que você, de certa forma, se sente pressionado a se alinhar ao grupo no qual você está naquele momento. Isso pode acabar definindo a sua identidade, e lutar para ser você mesmo pode significar lutar contra o seu grupo. O que pode ser muito confuso”.

A plateia, como aconteceu ao longo de toda a conferência, serviu como fonte de conhecimento tanto quanto os convidados. Juliano Lorena, que acompanhava a mesa, deu um depoimento que botou a mesa para pensar: “Eu sinto falta de poder, dentro da língua portuguesa, me expressar dentro do gênero neutro”, disse. “Nossa língua determina o gênero na maioria das palavras. Temos usado o ‘x’ no final de alguns adjetivos, para denotar essa neutralidade, mas isso para a língua escrita, não há como reproduzir isso na hora de falar”. O jovem também indagou os convidados quanto à questão, e recebeu a seguinte resposta de Carol Queen: “De fato, nos Estados Unidos nós temos muita linguagem neutra – embora algumas culturalmente tenham gênero. Mas, mesmo assim, no caso da língua inglesa, onde existe o “it”, é um recurso usado como uma linguagem de ódio – assim como no português também deva haver palavras usadas dessa mesma forma, o ser humano

sempre consegue inventar insultos. De qualquer forma, essa é uma diferença muito interessante, que nos trava, nos tranca. Eu fico pensando se talvez exista outras linguagens brasileiras – como as indígenas, por exemplo – que não tenham esse binarismo. Deixando claro que eu não estou dizendo que seja adequado usar a palavra de outra cultura, mesmo dentro do mesmo país. Mas é um experimento de pensamento interessante”.